

**“VIBRA O PASSADO EM TUDO O QUE PALPITA”:
EDUCAÇÃO HISTÓRICA E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Waldy Luiz Lau Filho
Doutorando em Educação PPGE UFSM
waldy@maua.g12.br

Jorge Luiz da Cunha
Professor Titular PPGE/PPGH UFSM
jlcunha11@yahoo.com.br

RESUMO

A história de uma pessoa é a história da constituição de seus conhecimentos e da forma como atribui sentido ao mundo em que vive. Nessa perspectiva, a educação básica é uma etapa significativa na trajetória de cada pessoa, bem como no processo de tradução do passado ao presente. Inserida no campo de pesquisa da educação, a educação histórica aproxima-se das demandas dos jovens a respeito do componente curricular história, bem como se preocupa com as formas pelas quais as identidades individuais e coletivas dos estudantes estão conectadas à sua consciência histórica. Este trabalho, sobre a temática da educação histórica, tem como referência uma experiência escolar realizada em aulas de história com alunos da primeira série do ensino médio em uma escola privada, no município de Santa Cruz do Sul, RS. O objetivo central desta investigação foi refletir sobre o que os estudantes falam, agem e pensam a respeito da história, bem como a relação estabelecida entre eles e a história. O estudo teve caráter qualitativo e utilizou como metodologia a inserção das narrativas autobiográficas nas aulas de história como um dispositivo de formação na educação. Os autores de referência para este trabalho estão posicionados no campo de investigação da educação histórica, acrescentando-se à reflexão a filosofia histórica singular de Walter Benjamin, que possui uma importante contribuição para os estudos sobre narrativas autobiográficas. A análise e interpretação das escritas de si, decorrentes da proposta apresentada, tiveram como elementos centrais os conceitos de *ideias substantivas* e *ideias de segunda ordem*, assim como as categorias conceituais *consciência histórica tradicional* e *consciência histórica genética*. Em um conjunto bastante diversificado, as narrativas autobiográficas apresentaram diferentes formas de elaboração do pensamento histórico em estudantes de história do ensino médio, e igualmente contribuíram para reafirmar-se como recurso metodológico que permite aproximar a *história estudada* da *história vivida*. A pesquisa trouxe indícios relevantes a serem investigados em futuros estudos e aponta para a necessidade de conexão cada vez maior entre o estudo do passado e a vivência do passado. Acredita-se que, desta forma, o estudante de ensino

médio também poderá sentir-se plenamente capaz de situar-se a si próprio na história e assumir igualmente sua autoria sobre a história.

PALAVRAS-CHAVE: educação histórica; narrativas autobiográficas; ensino médio.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho sobre a temática da educação histórica tem como ponto de partida uma experiência escolar realizada em aulas de história com alunos de ensino médio. Esta iniciativa integrou o conjunto de atividades de pesquisa do Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – CLIO, e constituiu-se em uma das etapas de um projeto de doutorado em desenvolvimento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A referida experiência escolar consistiu na utilização de narrativas autobiográficas em aulas de história com alunos da primeira série do ensino médio, sendo que a coleta de dados empíricos foi realizada em uma escola no município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre do ano de 2018.

As justificativas para a realização desta pesquisa estão relacionadas a três diferentes e complementares aspectos:

- Em primeiro lugar, à reafirmação de que a reflexão no vasto campo da pesquisa em educação pode e deve ser exercitada por professores da educação básica, não somente para tensionar a manutenção de um currículo escolar altamente padronizado, mas também para engajar mais professores com a prática de pesquisa e assim contribuir para um ensino e uma aprendizagem de melhor qualidade nas salas de aula. (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

- Em segundo lugar, por compreender a educação histórica como um segmento específico da pesquisa em educação, cuja natureza é essencialmente prática-reflexiva, e que constantemente promove o diálogo entre a ciência da história e as demandas de seu ensino. Neste sentido, torna-se muito importante aproximar-se das demandas dos jovens acerca da disciplina de história, bem como perceber de que forma as identidades individuais e coletivas dos estudantes estão conectadas à sua consciência histórica,

[...] a especificidade da aprendizagem histórica só pode ser entendida se forem entendidos também os respectivos processos e as formas de lidar com a experiência do passado. Pois é somente por intermédio desses processos que o passado se torna história. Em que consiste essa experiência, entretanto, é outra questão. Ela remete à história como um acontecimento temporal específico no mundo humano. Um processo não pode ser suficientemente explicado sem o outro. (RÜSEN, 2013, p. 254; 2016, p. 248-249).

- Finalmente, justifica-se esta pesquisa pela importância de estudar a narrativa autobiográfica de alunos de história do ensino médio, conferindo-se assim significativa centralidade ao sujeito estudante narrador. De um lado, por acreditar que “o sujeito estudante precisa assenhorar-se de si próprio a partir da história, formando sua identidade, sua subjetividade e sua interpretação” (CUNHA; CARDÔZO, 2015, p. 542). De outro, por entender que a narrativa autobiográfica possui um grande caráter educativo, ao permitir a abertura de um espaço valioso de questionamentos, ressignificações e, até mesmo, da constituição de um novo olhar sobre o mundo e sobre a própria História:

Nosso tempo vive sob o signo de uma crise da consciência histórica. Os teóricos do “mundo plano”, de um mundo sem perspectivas de mudanças, portanto, de um mundo sem história, tem se tornado os porta-vozes da teoria que legitima o *status quo*. É neste sentido que ocupar-se da história é colocar o presente numa situação crítica. A “atrofia da experiência” traduz-se em falta de consciência histórica. Uma nova narração não pode, portanto, lançar mão de uma consciência que “está aí”. O sujeito se constitui no próprio ato de narrar. (PERIUS, 2009, p. 131).

Esta pesquisa sobre o tema da educação histórica comunica-se com o campo da pesquisa em educação através da utilização da pesquisa autobiográfica em educação.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Aprender história não significa somente aprender os conteúdos socialmente considerados relevantes e atribuídos ao passado. Aprender história também é interpretar a história, o que, inevitavelmente, carrega este processo de aprendizagem de um grande teor subjetivo. Longe de afastar a história do estatuto de ciência, esta percepção enriquece o trabalho do historiador e possibilita ao estudante de história encontrar a si mesmo na história e dar-se conta de seu próprio papel enquanto sujeito social. Dentro

desta perspectiva, a história de uma pessoa é a história da constituição de seus conhecimentos e da forma como atribui sentido ao mundo em que vive.

Tendo como pressuposto a percepção de que o conhecimento e a experiência são inseparáveis, as narrativas em história, de professores e alunos, não são percebidas como um fim em si mesmo, mas como uma relevante estratégia para gerar compreensão sobre o passado, ativando o pensamento de quem aprende. Conforme Cunha (2018),

[...] o narrar o outro – que inclui o mundo -, e narrar a si, deve ser considerado como acesso a uma *práxis* social, cultural, política, de desnaturalização e estranhamento e, conseqüentemente, de exercício de unidade entre ser e pensar, viver e narrar. (CUNHA, 2018, p. 239)

A importância da narrativa na educação histórica está no seu potencial de auto constituição. Ao refletir sobre si, cada sujeito, ao ler ou escrever as narrativas, está atribuindo significados para a sua própria vida e conferindo sentido ao passado. A narrativa seria, portanto, “o processo de constituição de sentido da experiência do tempo”. (SCHMIDT, URBAN, 2018, p. 47).

Esse processo ocorre de maneira única e pessoal, onde cada sujeito se complexifica observando a si mesmo em relação aos outros e com o mundo e, assim, desenvolve sua própria consciência histórica,

É a narrativa que nos une de um modo interpretativo e multipotencial à existência. No fundo, pensamos da mesma forma que existimos, através de narrativas. Vivemos em um espaço e em uma temporalidade dos quais nos damos conta através de narrativas. Neste sentido, a narrativa não é algo que escolhemos fazer, mas algo que somos e, como o ser não é dissociável do conhecer, a narrativa é também aquilo que conhecemos. Tal como a vida, a narrativa é inerentemente aberta e multipotencial, abrindo-nos para uma multirrealidade e multirracionalidade. (GONÇALVES, 2002, p. 20).

Dentro do universo dos diversos autores do campo das ciências humanas que utilizaram em suas obras a interpretação de narrativas biográficas e autobiográficas, significativa contribuição foi trazida para a reflexão da educação histórica por Walter Benjamin (1892 – 1940). Filósofo, ensaísta, crítico literário e tradutor, Benjamin é considerado um dos maiores autores do século XX e foi responsável por desenvolver uma visão dialética e não evolucionista da história.

Crítica contundente da experiência na modernidade, a filosofia benjaminiana defende que o sentido do tempo, como ele é percebido, é de alguma forma condicionado pela historicidade. Para Benjamin, “o sujeito moderno é, com efeito, destituído de tempo. O tempo da modernidade é um tempo de subtração, tempo que separa, conta, atenua, não um tempo que reúne, intensifica, cria, demultiplica.” (PEREIRA, 2006, p. 73)

Se, para a historiografia tradicional, o que prevalece é o princípio da exposição da história, vista como “uma sucessão gloriosa de altos feitos culturais, que vieram a se juntar aos precedentes em uma acumulação de *tesouros culturais*” (LÖWY, 2011, p. 21), disto resulta uma visão conformista que paralisa e também embaça a visão sobre o processo histórico, uma vez que o passado é apresentado como algo consumado, cristalizado. Benjamin, por sua vez, propõe “escovar a história a contrapelo” (LÖWY, 2011, p. 26), um verdadeiro ato de nadar contra a corrente histórica e, desta forma, resgatar a memória daqueles que ainda não fizeram ouvir a sua voz.

O valor singular da filosofia benjaminiana da história parte de uma crítica às interpretações então dominantes do materialismo histórico, no período do entre guerras, que apontavam para uma determinação da história futura e não conseguiam romper com a ideia de linearidade, com a noção de progresso. Para Benjamin, a maior função do historiador consiste em trazer à memória a tradição dos oprimidos, dos vencidos, e romper com a narrativa oficial, a história contada pelos vencedores.

Sob esta perspectiva, narrar a história transforma-se em um ato profundamente político. Trazendo à memória o que se perdeu, os detritos, as derrotas, o que ficou na sombra da “fabulosa luz” dos espetáculos, reabre-se a história para “nela reviver potencialidades não realizadas” (PERIUS, 2009, p. 132). A favor deste passado que precisa ser reavivado, o narrador, ao incorporar à sua experiência a restauração do passado, imprime sua marca pessoal naquilo que é narrado:

Sendo a arte da narração uma forma de artesanato é o narrador seu artesão. A experiência é, com efeito, a matéria do narrador, assim como o barro é a matéria do oleiro e a linha a do tecelão. Como artesão o narrador nunca é alheio à sua obra, nesse caso, aquilo que conta. A narrativa como trabalho artesanal demanda, portanto, tempo. E tempo suficiente para que seja possível fazer com que a tradição incida sobre ele. (PEREIRA, 2006, p. 70).

Ao interpretar a história, o narrador atribui a ela sentido, revive seu próprio modo de pensar, olhar, expressar, agir e sentir, e ainda acrescenta elementos como novidade, criatividade e invenção. “A narração faz convergir história passada à história presente: ela se torna consciência do presente que não se orienta por uma concepção de tempo progressivo, mas intensivo.” (PEREIRA, 2006, p 71).

Em um cenário de pobreza cada vez maior de experiências coletivas plenas de sentido e comunicáveis, as narrativas autobiográficas, concebidas como escrita da própria vida, emergem com uma importância cada vez maior para o ensino da história e para o campo de reflexão da educação histórica,

Para nutrir e sustentar a relação [...] entre o ensino de história e o campo da pesquisa autobiográfica em educação como dispositivo de formação, reafirma-se a intencionalidade dessa experiência e das práticas escolares delas decorrentes em produzir *estranhamentos* e *desnaturalizações* como princípios metodológicos gerais e objetivos de uma educação ancorada no conhecimento e na produção processual de consciência de si e dos contextos sociais de inserção, dos mais particulares aos mais globais, do sujeito à humanidade. Isto é, objetivar a história ensinada na compreensão de si e do outro. (CUNHA, 2016, p. 98).

As narrativas autobiográficas, ao possibilitar novas formas de compreensão de si, do outro e do mundo, contribuem para desnaturalizar o contexto escolar como o local por excelência do “raciocinar/calcular/argumentar” visando uma utilidade prática e imediata. Tornando a escola um espaço possível para se contar uma *outra história*, as narrativas autobiográficas rompem com o dogma da neutralidade na interpretação da história e potencializam a “produção de humanidades, autonomias e consciências”. (CUNHA, 2016, 104).

REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O ESTUDO

A experiência escolar que serviu de base empírica para a realização deste exercício de pesquisa foi realizada durante o segundo semestre do ano de 2018, em uma escola privada, no município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. A referida instituição atende alunos da educação infantil ao ensino médio.

Participaram da pesquisa 30 alunos da 1ª série do ensino médio, com idade entre 15 e 16 anos, tendo como referência um conjunto de atividades pedagógicas oportunizadas pelo componente curricular história. O objetivo central desta investigação foi contemplar uma das questões mais caras à educação histórica, qual seja, levar em consideração o que os estudantes falam e pensam sobre história, o seu modo de agir, bem como a relação entre eles e a história. Desta forma, “[...] as ideias históricas que os alunos trazem para a sala de aula precisam ser identificadas e trabalhadas, sob pena de que a aprendizagem histórica não se concretize de maneira eficiente.” (SCHMIDT; BARCA; SILVA; PEGORARO, 2018, p. 116).

Este estudo teve caráter qualitativo e expressou uma significativa característica colaborativa, uma vez que, na pesquisa narrativa, o estudo emerge através da interação e do diálogo entre o pesquisador e os participantes da investigação. (CRESWELL, 2014, p. 68).

A pesquisa foi realizada em quatro etapas. Num primeiro momento, o grupo de alunos vivenciou em sua sala de aula um momento de sensibilização sobre a história como uma ciência do presente e sobre as narrativas autobiográficas como um dispositivo de formação na educação.

Na sequência, os alunos foram desafiados a lembrar o seu próprio passado e escolher um acontecimento que poderia ser definido como o “fato histórico mais importante” de sua infância. Para auxiliar os estudantes na tarefa, solicitou-se aos mesmos identificar e trazer para a sala de aula uma fotografia que pudesse de alguma forma registrar este momento selecionado. Esta atividade consiste em uma das abordagens possíveis para a coleta de dados em pesquisa qualitativa, a técnica da evocação de fotos (CRESWELL, 2014, p. 132), técnica que amplia o leque de fontes para a base empírica de uma pesquisa e também aproxima os participantes da pesquisa da experiência a ser narrada.

Fotos antigas, notícias, paisagens, jornais, revistas, e, principalmente, os livros. Com esses materiais é possível desenvolver uma melhor interpretação e percepção da sociedade e do seu contexto. Essas *pequenas* narrativas valorizam as produções culturais e respeitam a forma de ser, pensar e agir da criança, favorecendo, dessa forma, a autonomia através da autoria. (OURIQUE, 2009, p. 120).

A terceira etapa da pesquisa consistiu na elaboração de narrativas autobiográficas individuais em sala de aula, a partir de três questões centrais, conforme o Quadro 1. Após a escrita das narrativas autobiográficas e de uma primeira leitura das escritas de si pelo professor-pesquisador, os alunos retornaram às suas narrativas e dialogaram entre si em sala de aula sobre o seu conteúdo das mesmas:

Quadro 1 – Questões propostas aos alunos.

a) Por que a fotografia selecionada é o “fato histórico” mais marcante de sua infância?
b) Quais as lembranças que esta fotografia lhe proporciona?
c) Escreva a sua definição para história, passado e fato histórico.

Fonte: dados da pesquisa.

Cumprе ressaltar que as perguntas formuladas intencionalmente não estavam relacionadas diretamente aos conteúdos programáticos abordados em sala de aula ao longo do ano letivo, ou seja, temas da história antiga e medieval. A proposta consistia basicamente em investigar a forma de explicação que seria utilizada pelos alunos para responder ao desafio proposto e, assim, perceber como “os alunos dão sentido aos conteúdos históricos utilizando conceitos fornecidos pelas suas vivências na realidade atual” (CAINELLI; BARCA, 2018, p. 07).

A última fase desta pesquisa sobre o tema da educação histórica e narrativas autobiográficas traduziu-se na análise das narrativas elaboradas através da sua leitura e interpretação. Para a realização desta etapa da pesquisa buscou-se o referencial teórico na educação histórica, para a qual a investigação busca compreender as conexões estabelecidas pelos alunos e professores (neste caso, pelos alunos do ensino médio), com os conceitos e categorias históricas, tratem-se de ideias substantivas ou de segunda ordem:

Por conceitos substantivos entende-se os conteúdos da História, por exemplo, o conceito de industrialização, renascimento, revolução. Enquanto conceitos de segunda ordem: são conceitos que estão envolvidos em qualquer que seja o conteúdo a ser aprendido. Entre os conceitos de segunda ordem, estão que se referem à natureza do conhecimento histórico, tais como explicação, interpretação, empatia e compreensão. [...] A aprendizagem dos conceitos substantivos e dos conceitos de segunda ordem é importante para que os jovens e crianças possam construir uma estrutura utilizável do pensamento histórico em relação ao passado. (SCHMIDT e URBAN, 2018, p. 48).

Os resultados deste estudo específico, que representa uma etapa preliminar para pesquisas posteriores, embora não sendo generalizáveis, trazem alguns indícios pertinentes para este campo de investigação.

A primeira narrativa autobiográfica elaborada pelos alunos de ensino médio teve como ponto de partida a pergunta: - “Por que a fotografia selecionada é o “fato histórico” mais marcante de sua infância?”. As justificativas foram as mais variadas, incluindo desde uma festa de aniversário, o nascimento de uma irmã e até mesmo um braço fraturado. As referências que se destacaram pela reincidência foram viagens realizadas com a família, sobretudo viagens para o exterior, assim como registros fotográficos do primeiro dia de vida escolar de vários alunos.

Associada a esta primeira narrativa de si, solicitou-se aos alunos que se expressassem sobre a seguinte questão: - “Quais as lembranças que esta fotografia lhe proporciona?” Em relação a esta pergunta específica, a maior parte dos alunos demonstrou sentimentos positivos, como momentos alegres, o bem-estar que gerava estar próximo de toda a família, como também a saudade da época de infância. Um dos estudantes, ao escrever sobre a fotografia que havia selecionado, mencionou que a imagem por ele selecionada o fazia lembrar de verões passados, bem como trazia consigo “o cheiro da casa, da grama e das flores” (fonte: dados da pesquisa).

No momento em que se abriu o diálogo com a turma de alunos sobre as narrativas autobiográficas que emergiram destas primeiras duas perguntas propostas, a questão que prontamente se apresentou foi o estranhamento provocado nos estudantes ao se perceberem como historiadores de sua própria vida. Nesta perspectiva, a fotografia por eles próprios selecionada seria um registro deste passado e, ao mesmo tempo, um elemento que estabeleceria um vínculo com o tempo presente.

Outro aspecto que chamou a atenção dos estudantes foi perceber os motivos que os levaram à da seleção daquela fotografia específica, como também a própria intencionalidade presente no ato de se registrar aquele momento e guardá-lo para a posteridade. A fotografia contribuiu, enquanto evidência histórica, para enriquecer o processo inicial das escritas de si, da mesma forma que embasou a reflexão que se construiu posteriormente em sala de aula,

[...] para a constituição de aprendizagens históricas, é importante que os alunos sejam capazes de compreender as diversidades históricas do passado humano reconstituído pela historiografia. Isso implica na capacidade de produzir conhecimentos a partir da consciência de que o entendimento sobre o passado é realizado com base na evidência histórica. (CAINELLI e BARCA, 2018, p. 02).

Em relação à segunda parte deste exercício de pesquisa com base em narrativas autobiográficas em aulas de história com alunos de ensino médio, formulou-se aos estudantes esta questão: - “Escreva a sua definição para história, passado e fato histórico”.

O propósito desta atividade era desafiar os estudantes a elaborar uma definição pessoal para estes que são alguns dos conceitos básicos da educação histórica. Estes conceitos foram considerados, para efeito desta pesquisa, como de segunda ordem, uma vez que o exercício partia de uma reflexão individual gerada a partir de um ponto específico da história pessoal de cada autor das narrativas, e igualmente poderiam estar presentes em qualquer que fosse o tema de estudo no campo da educação histórica.

Como pode ser visualizado no quadro 2, as escritas de si que emergiram a partir desta pergunta evidenciaram alguns aspectos relevantes:

Quadro 2 – Conceitos de segunda ordem que emergiram nas narrativas autobiográficas dos alunos de ensino médio.

Um fato histórico é um marco na história.
O passado é a justificativa da nossa existência.
O passado é algo imutável.
O fato histórico é um fato que marca no tempo.
História é o estudo de algo que é passado, mas ainda está vivo entre nós.
O historiador interpreta os acontecimentos históricos.
O passado é experiência, é vivência, é lição para os atos futuros.
Os historiadores interpretam o passado de formas diferentes, e isso afeta o presente.

Fonte: dados da pesquisa.

Entre as ideias contextualizadas como conceitos de segunda ordem, sobressaem-se as que apontam para o caráter estático da história, que é apresentada nas narrativas como uma leitura objetiva de um acontecimento preso ao passado e congelado no passado. Da mesma forma, destacaram-se nas percepções dos alunos o entendimento dos fatos históricos como os fatos marcantes, relevantes, que “possuem maior importância” e são registrados pelos livros didáticos. Esta percepção, de certa maneira, exemplifica o que Jörn Rüsen define como “consciência histórica tradicional” (RÜSEN, 2011, p. 64).

A consciência histórica tradicional, referenciada em um entendimento da história baseada em fatos importantes e cronológica, torna o passado significativo, o presente relevante e gera ao tempo futuro uma expectativa de manutenção dos modelos de vida e sociedade hegemônicos. “Essa relação pode fazer com que nos conformemos com o contexto no qual estamos inseridos e, desse modo, não paremos para pensar em outras formas e práticas de (con)vivência” (OURIQUE, 2009, p. 113). Como a narração tem o propósito central de servir para orientar a vida prática no tempo, esta concepção contribuiria basicamente para a manutenção de um modelo cultural e social válido para todos e, paralelamente, excludente.

Por outro lado, algumas narrativas aproximaram-se do que Jörn Rüsen conceitua como “consciência histórica genética” (RÜSEN, 2011, p. 68), uma vez que posicionam

o historiador como alguém que interpreta o passado, o que rompe com uma concepção temporal linear e permite que diferentes pontos de vista possam ser aceitos dentro do pensamento histórico. Conforme Rüsen (2011), ao permitir que o sentido histórico seja conectado à ideia da mudança em si, a consciência social genética se transforma “no caminho no qual estão abertas as opções para que a atividade humana crie um novo mundo” (RÜSEN, 2011, p. 69).

Neste modelo mais refinado de pensamento histórico, as narrativas históricas observam a realidade passada como um conjunto de acontecimentos mutáveis, enquanto a vida social é percebida dentro de uma temporalidade dinâmica.

É importante observar, contudo, que estas constatações não são aqui apresentadas como um julgamento externo que tenha como objetivo contrastar formas consideradas mais elaboradas de formas menos elaboradas de pensamento histórico. Igualmente não se trata de desconsiderar todo o trabalho até hoje desenvolvido por professores e alunos em salas de aula e fora delas. Pelo contrário, considera-se que toda esta diversidade, traduzida em narrativas de si elaboradas por estudantes de ensino médio, é uma importante pista para uma investigação de maior porte que se encontra em seu estágio inicial.

As narrativas autobiográficas, nesta direção, colaboraram expressivamente enquanto recurso metodológico para aproximar a “história estudada” da “história vivida”. E, paralelamente, demonstraram a relevância para o campo da educação histórica de uma maior conexão entre os conceitos de segunda ordem e os conteúdos curriculares substantivos, tendo como propósito contribuir para a elaboração de uma narrativa histórica mais elaborada pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Considerando que a consciência histórica tem o potencial de estabelecer um vínculo entre a interpretação do passado e uma projeção futura do presente, a competência específica e essencial da consciência histórica é a competência narrativa, “a habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio da recordação da realidade passada.” (RÜSEN, 2011, p. 59).

Enquanto tradução do passado ao presente, a utilização de narrativas autobiográficas em aulas de história possui um grande potencial para a reflexão no campo da educação histórica, em particular, e para todo o campo de pesquisa em educação:

Pela análise de uma narrativa histórica ganha-se acesso ao modo como o seu autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história. Ela espelha por isso, tácita ou explicitamente, um certo tipo de consciência histórica, isto é, as relações que o seu autor encontra entre o passado, o presente e, eventualmente, o futuro, no plano social e individual. No que concerne à Educação Histórica formal, ela será um meio imprescindível para as crianças e jovens exprimirem as suas compreensões do passado histórico e consciencializarem progressivamente a sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada. (SCHMIDT, BARCA e GARCIA, 2011, p. 12).

Mesmo constatando o estágio inicial desta pesquisa, evidenciou-se nas narrativas autobiográficas de estudantes de ensino médio a potencialidade de se pensar a história enquanto componente curricular de uma forma completamente diversa do modelo de educação ainda presente em nossas escolas brasileiras. Se “o passado está domesticado pela histórica factual sempre repetida” (CAINELLI; BARCA, 2018, p. 14), existem também possibilidades de se colocar uma *outra história* em seu lugar.

Da mesma maneira, o estudo trouxe indícios relevantes a serem investigados. Sobretudo a necessidade de conexão cada vez maior entre o estudo do passado e a vivência do passado, para que o estudante de ensino médio também se sinta plenamente capaz de situar-se a si próprio na história e assumir igualmente sua autoria sobre a história. Ou, como escreveu Benjamin, sentir na palpitação do corpo o passado, em toda a sua intensidade, passado que vibra por ainda estar vivo:

“Vibra o passado em tudo o que palpita
qual dança em coração de bailarino
ao regressar já mudo o violino
e há nuvens sobre o bosque em que transita.”
(Walter Benjamin - Sonetos)

REFERÊNCIAS

CAINELLI, Marlene; BARCA, Isabel. *A aprendizagem da história a partir da construção de narrativas sobre o passado*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 44, e164920, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100437&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 17 de dezembro de 2018. Epub 05-Mar-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201844164920>.

CRESWELL, John W. *Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso, 2014. Tradução Sandra Mallmann da Rosa.

CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. *Os sentidos do trabalho do professor e o lugar social do ensino de História*. Revista Educação, Santa Maria, Brasil, v. 40, n. 3, p. 529-544, set./dez. 2015.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Aprendizagem histórica. Narrativas autobiográficas como dispositivos de formação*. Educar em Revista (Impresso), v. 60, p. 93-105, 2016.

CUNHA, Jorge Luiz da. *Escrever histórias para convencer os outros: memórias, diários e cartas de imigrantes*. REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, v. 3, 2018, p. 235-256.

GONÇALVES, Óscar F. *Psicoterapia cognitiva narrativa*. Manual de terapia breve. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Pesquisa Pedagógica. Do projeto à implementação*. Porto Alegre: Artmed, 2008. Tradução Magda França Lopes.

LÖWY, Michael. *“A contrapelo”*. *A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)*. Revista Lutas Sociais. PUCSP, n. 25/26, 2º semestre de 2010 e 1º semestre de 2011, p. 20-28.

OURIQUE, João Luís Pereira. *O “contar histórias” da formação: o narrador na perspectiva de Walter Benjamin*. Cadernos Benjaminianos. UFMG, n. 1, 2009, p. 111-122.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Saber do tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin*. Revista Educação & Realidade. UFRGS, v. 31, n. 2, junho/dezembro de 2006, p. 61 – 78.

PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin: considerações sobre o conceito de História*. Revista Tempo da Ciência. UNIOESTE, v. 16, n. 32, 2º semestre de 2009, p. 123-135.

RÜSEN, Jörn. *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*. In.: SCHMIDT, M.

A.; BARCA, I; MARTINS, E. de R. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. *Historik. Theorie der Geschichtswissenschaft*. Köln/Weimar/Wien: Nöhlau Verlag, 2013.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. 1ª reimpressão. Curitiba: Editora UFPR, 2016. Tradução Estevão de Rezende Martins.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. *Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigações na área da educação histórica*. In.: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I; MARTINS, E. de R. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia (org.) *O que é Educação Histórica*. Curitiba: W. A. Editores, 2018 (Coleção Educação Histórica, Volume 1).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; SILVA, Carla Gomes da; PEGORARO, Vaneska. *Aprendizagem Histórica: catálogo seletivo de teses e dissertações brasileiras e portuguesas*. Curitiba: W. A. Editores, 2018.